

Relação de espécies botânicas empregadas nos templos de Umbanda Nagô

Vladimir Stolzenberg Torres¹

¹Prefeitura Municipal de Porto Alegre
biologo.vladimir@gmail.com

Resumo

É conhecida a importância dos vegetais nos rituais afrobrasileiros, tanto o valor simbólico das ervas no contexto geral das religiões de influência africana, como também o efeito que as mesmas causam àqueles que delas se utilizam individual ou coletivamente, salientando que tais efeitos podem enfatizar determinados aspectos comportamentais requeridos pelos rituais, como o transe. Esse conhecimento foi mantido através da relação com as divindades e com a natureza, compreendendo o mundo através de uma cosmologia do sagrado, onde os elementos naturais estão integrados à vida humana. Neste sentido, está representado o uso das plantas nos rituais, em busca de vibrações e irradiações energéticas, com fins terapêuticos e místicos e como oferendas às entidades espirituais. O estudo foi desenvolvido em oito templos do ritual de Umbanda Nagô (sete localizados em Porto Alegre e um no município de Cidreira). O inventário realizado revelou a utilização de 56 espécies vegetais, quando consideradas as designações populares, número que se altera para 54 quando considerada a nomenclatura científica, distribuídas em 26 famílias, sendo predominantes Fabaceae, seguida de Solanaceae. Apenas uma espécie foi identificada com uso de denominação em Yorubá, neste caso Orô.

Palavras-chave: Etnobotânica; Plantas mágicas; Plantas medicinais; Ritual afrobrasileiro.

Botanical employed species list of Umbanda Nagô Temples

Abstract

It is known the importance of plants in Afro-Brazilians rituals. Both the symbolic value of herbs in the religions influenced by African culture and also the effect that they cause to those who make used individually or collectively, the effects may emphasize certain behavioral aspects required by the rituals, such as trance. This knowledge was kept through the relationship with the gods and with nature, understanding the world through a sacred cosmology where the natural elements are integrated to human life. In this sense, there is shown use plants in the rituals, in searching for vibrations and irradiation of energy, for therapeutic and mystic purposes, as offerings to spiritual entities. The study was conducted in eight yards of Umbanda ritual Nago (seven located in Porto Alegre and one in the municipality of Cidreira). The inventory revealed performed using 56 plant species when considering the popular designations, a number that modify to 54 when considering the scientific nomenclature, distributed in 26 families Fabaceae being predominant, then Solanaceae. Only one species has been identified with a designation of use in Yoruba in this case Orô.

Keywords: Ethnobotany; Magic plants; Medicinal plants; Afro-brazilians ritual's.

1 Introdução

Conforme Oliveira et al. (2009), a etnobotânica tem sido definida como “o estudo das inter-relações diretas entre seres humanos e plantas” (FORD; BROWN, 1978) em sistemas dinâmicos (ALCORN, 1995).

Seu caráter interdisciplinar e integrador é demonstrado na diversidade de tópicos que pode estudar, aliando os fatores culturais e ambientais, bem como as concepções desenvolvidas por essas culturas sobre as plantas e o aproveitamento que se faz delas (ALCORN, 1995; OLIVEIRA et al., 2009).

Segundo Gomes *et al.* (2008), ao observar o efeito das plantas sobre seu organismo, desde que começou a ingeri-las para se nutrir, o homem pôde notar que certas espécies agiam de modo muito específico sobre o funcionamento do corpo, ora ativando alguma função, ora inibindo processos anômalos. A partir dessa constatação, o uso da flora medicinal expandiu-se e organizou-se nas mais distintas sociedades, muitas das quais contaram com especialistas – pajés, xamãs, feiticeiros e bruxos, que detinham, para uso comum, o conhecimento ancestral sobre o poder curativo de cada espécie.

No Brasil, a medicina popular é o resultado de uma série de aculturações de técnicas utilizadas pelo português, pelo indígena e pelo negro. A contribuição do pajé ameríndio, do feiticeiro negro e do bruxo europeu foi de tão maneira misturada que hoje seria difícil distinguir o que é puramente indígena, negro ou branco (GOMES et al., 2008).

Conforme Bastide (1978), as plantas desempenham um papel importante na vida dos africanos no Brasil, povos que se estabeleceram em condição de exploração absoluta, contribuindo uma nova realidade cultural, de transmissão de saberes, crenças e plantas, influenciando significativamente a florística e a cultura do Brasil (ANDRADE; ALBUQUERQUE, 2005). As plantas passam a obter elementos divinos, deixando de ser tão objetivas e naturais como na visão científica (ALBUQUERQUE, 2007).

A medicina mágica está muito vinculada aos ritos afro-brasileiros e indígenas, especialmente os de macumba, candomblé ou umbanda e dos catimbós (GOMES et al., 2008). Ela procura curar o que de estranho foi colocado pelo sobre natural no doente ou extirpar o mal que o faz sofrer.

Neste contexto, surge a Umbanda Nagô, um ritual de matriz africana,

antropologicamente considerada como uma Umbanda Cruzada, em face de guardar culto aos Orixás, mas não realização de sessões de incorporação dos mesmos – diferentemente, por conseguinte, do Candomblé e outras matrizes. Realiza sessões de cultuação (entenda-se manifestação) à linha de Caboclos e Pretos-velhos (na qual se manifestam caboclos, pretos-velhos – não necessariamente escravos –, índios, pajés, xamãs e outros), bem como à linha de Exus e Pombas-gira (Povo-da-rua). Alguns Templos (Ilês) realizam ainda, uma ou duas sessões específicas, para manifestações dos Ibejis (considerados como Exus-mirins na opinião do Babalorixá Roberto de Xangô, com. pes.).

É de extrema importância que a religião afro-brasileira se valha dos conhecimentos práticos da taxonomia vegetal, a fim de que melhor possam assimilar os seus adeptos sobre a existência de plantas fundamentais para a preservação integrada da religião (SILVA, 1988; GOMES et al., 2008).

Camargo (1988) sugere que pesquisas etnobotânicas a respeito das plantas utilizadas em rituais sejam orientadas no sentido de que apresentem: em primeiro lugar, uma abordagem investigativa que conduza o conhecimento do valor simbólico das ervas no contexto geral das religiões de influência africana e

em cada caso em particular, no qual elas desempenham funções específicas; e, em segundo lugar, uma investigação farmacobotânica das mesmas plantas em função dos princípios ativos, responsáveis pelos efeitos que causam àqueles que delas fazem uso, individual ou coletivamente.

Assim, o presente estudo teve como objetivo inventariar as espécies botânicas empregadas em um ritual de matriz africana, identificado como Umbanda Nagô, por meio da obtenção de informações sobre as plantas utilizadas nas atividades ritualísticas praticadas.

2 Materiais e métodos

Os estudos foram levados a cabo ao longo de dezessete anos de participação nas atividades religiosas desta bacia afro e, suplementada por consultas aos Babalorixás e Yalorixás dos Templos de Umbanda Nagô conhecidos.

Foi utilizado um conjunto de observações mediadas por questionamentos, quando necessário, com vistas ao inventário e tabulação das plantas usadas. As informações assim coletadas foram imprescindíveis para o posterior levantamento bibliográfico e catalogação das plantas medicinais e místicas quanto a nomenclatura.

Na identificação de uma planta deve-se tomar cuidado com os nomes

populares e com sua taxonomia, pois plantas da mesma família possuem diferentes composições químicas. Assim a identificação de algumas espécies foi realizada com base em Lorenzi & Matos (2002), enquanto a nomenclatura botânica foi revisada através da base de dados do Missouri Botanical Garden <<http://www.tropicos.org/>>.

3 Resultados

Através da designação popular foi possível identificar o uso de 57 espécies vegetais utilizadas nos rituais da Umbanda Nagô, quando consideradas as designações populares. Porém, algumas espécies possuem uso de espécies *stricto sensu* diferenciadas, o que modifica este número, quando se utiliza a nomenclatura científica para 55 espécies, podendo ser elevado para 60 se forem consideradas variedades e subespécies, agrupadas em 26 famílias.

As famílias com maior representatividade foram: Fabaceae com sete espécies (12,96%), Solanaceae com cinco espécies (9,26%), Poaceae, Arecaceae e Amaryllidaceae, cada uma com quatro e espécies (7,40%) e

Asteraceae, Lamiaceae, Cucurbitaceae e Rutaceae cada uma com três espécies (5,56%).

Pelos dados obtidos evidencia-se que a nomenclatura peculiar a cultura afrobrasileira é pouco conhecida pelos integrantes dos Templos (Ilês) em questão, haja visto que, das 57 designações populares citadas, apenas uma apresentou denominação considerada como de idioma Yorubá, neste caso Orô (*Vernonia condensata* Baker).

Quanto a parte da planta que é mais utilizada durante a ritualística, constatou-se que os frutos atingiram 30,19% de utilização, seguida da semente (26,42%), folha (20,75%), e outras partes (flor, caule, raiz, bulbo, uso misto) totalizando 22,64%. Com relação ao uso místico e terapêutico das plantas utilizadas, pode-se afirmar que estas desempenham um importante papel dentro dos rituais, tanto pelo seu valor simbólico, como pelos efeitos que causam àqueles que delas se utilizam.

Os resultados são inicialmente expressos através das Tabelas 1-2; posteriormente são comentadas individualmente.

Tabela 1. Plantas de uso identificado em rituais de Umbanda Nagô.

Nome popular	Nome científico	Família
Abacaxi	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Bromeliaceae
Abóbora	<i>Cucurbita moschata</i> Duchesne	Cucurbitaceae
Aipim / mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Euphorbiaceae
Alface	<i>Lactuca sativa</i> L.	Asteraceae
Alevante	<i>Mentha x piperita</i> L.	Lamiaceae
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Amaryllidaceae*
Amendoim	<i>Arachis hypogaea</i> L.	Fabaceae
Arruda-fêmea	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae
Arruda-macho		
Azeitona	<i>Olea europaea</i> L.	Oleaceae
Bananeira	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Musaceae
Batata-inglesa	<i>Solanum tuberosum</i> L.	Solanaceae
Cebola	<i>Allium cepa</i> L.	Amaryllidaceae*
Cebolinha	<i>Allium fistulosum</i> L.	
	<i>Allium schoenoprasum</i> L.	
Cinamomo	<i>Melia azedarach</i> L.	Meliaceae
Cipó-mil-homens	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. e Zucc.	Aristolochiaceae
Côco	<i>Cocos nucifera</i> L.	Arecaceae
Dendê	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	
Espada-de-iansã	<i>Sansevieria trifasciata</i> var. <i>laurentii</i> (De Wild) N. E. Br.	Asparagaceae**
Espada-de-ogum	<i>Sansevieria trifasciata</i> var. <i>trifasciata</i> Prain	
Estojo-de-luneta	<i>Dioclea violacea</i> Mart. ex Benth.	Fabaceae
Feijão-preto	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Fabaceae
Feijão-miúdo	<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.	Fabaceae
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Zingiberaceae
Girassol	<i>Helianthus annuus</i> L.	Asteraceae
Grão-de-bico	<i>Cicer arietinum</i> L.	Fabaceae
Guapuruvu	<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) S.F. Blake	Fabaceae
Guanxuma	<i>Sida rhombifolia</i> L.	Malvaceae
Hortelã	<i>Mentha villosa</i> Becker	Lamiaceae
	<i>Mentha x villosa</i> Huds.	
Lágrimas-de-yemanjá	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	Poaceae
Laranja	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Rutaceae
	<i>Citrus x sinensis</i> (L.) Osbeck	
Maçã	<i>Malus domestica</i> Borkh.	Rosacea

Mamona	<i>Ricinus communis</i> L.	Euphorbiaceae
Manga	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae
Melancia	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. e Nakai	Cucurbitaceae
Milho	<i>Zea mays</i> var. <i>mays</i> L. <i>Zea mays</i> subsp. <i>mays</i> L.	Poaceae
Milho-de-pipoca	<i>Zea mays</i> var. <i>everta</i> (Sturtev.) L.H. Bailey	
Mostarda	<i>Brassica juncea</i> (L.) Czern.	Brassicaceae
Orô	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Asteraceae
Palha-da-costa	<i>Raphia vinifera</i> P. Beauv.	Arecaceae
Palmito	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Arecaceae
Pimenta-da-costa	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	Annonaceae
Pimenta-dedo-de-moça	<i>Capsicum baccatum</i> var. <i>pendulum</i> (Willd.) Eshbaugh	Solanaceae
Pimenta-do-reino (branca)	<i>Piper nigrum</i> L.	Piperaceae
Pimenta-do-reino (preta)		
Pimenta-grãos-do-paraíso	<i>Aframomum melegueta</i> (Roscoe) K. Schum.	Zingiberaceae
Pimenta-malagueta	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Solanaceae
Pimenta-rosa (Aroeira-vermelha)	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Anacardiaceae
Pimentão	<i>Capsicum annuum</i> L.	Solanaceae
Pitangueira	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae
Porongo	<i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standl	Cucurbitaceae
Quiabo	<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	Malvaceae
Roseira	<i>Rosa x grandiflora</i> Hort.	Rosacea
Salsa	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Apiaceae
Soja	<i>Glycine max</i> (L.) Merr.	Fabaceae
Tomate	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Solanaceae

* *Nomen conservandum* conforme o Missouri Botanical Garden. Neste caso, “nome conservado”; nome correto embora contrário as regras do código de nomenclatura. Estudos recentes têm questionado o posicionamento do gênero *Allium*. Para alguns taxonomistas, com base nas características morfológicas e fisiológicas, a classificação dentro da família Liliaceae ou da Amaryllidaceae deve ser mantida. Por outro lado, estudos morfológicos e moleculares têm reforçado a idéia de que o gênero *Allium* pertence a uma família monofilética (Alliaceae), que apresenta características distintas, porém estreitamente relacionadas com a família Amaryllidaceae (família aqui adotada, seguindo o padrão do MBG – Missouri Botanical Garden).

** Joly (1977) afirma pertencer a família Agavaceae, porém, esta classificação pode variar de acordo com o sistema adotado. Alguns autores as classificam como pertencente à família Liliaceae (LORENZI; MELLO-FILHO, 2001; GRAF, 1978), outros, Dracaenaceae (DAHLGREN et al., 1985) e ainda, como Convallariaceae (The Linnean Society of London, 2003); e Asparagaceae conforme o MBG, no presente estudo adotada.

Descrição das espécies identificadas

As sinonímias, homonímias e demais aspectos de caráter taxonômico são provenientes do banco de dados do Missouri Botanical Garden.

- *Aframomum melegueta* (Roscoe) K. Schum. Os grãos-do-paraíso, também chamados de malagueta, com sabor acre e picante, embora não sejam primordialmente utilizados nas ritualísticas de matriz africana, representam com certeza um importante referencial, visto que sua origem é justamente a África. Representava a pimenta que os povos escravizados trazidos para o Brasil a partir do século 16 conheciam. Esses povos, ao chegarem aqui, tiveram contato com as pimentas do gênero *Capsicum* e, pela semelhança no sabor, passaram a chamá-las também de malagueta. Possui *Aframomum meleguetella* K. Schum. e *Amomum melegueta* Roscoe como sinonímias. Parte utilizada: somente os grãos (sementes).
- *Abelmoschus esculentus* (L.) Moench. O quiabo surge essencialmente como de uso em alimentação festiva associada ao orixá Xangô. Possui *Hibiscus esculentus* L. e *H. longifolius* Willd. como sinonímias; apesar disto, *Hibiscus esculentus* L. é como nome. Apresenta como variedades *A. esculentus* var. *esculentus* (L.) Moench, *A. esculentus* var. *praecox* A. Chev., e *A. esculentus* var. *textilis* A. Chev., e *A. esculentus* subsp. *manihot* Anonimous como subespécie. Parte utilizada: somente os frutos.
- *Allium cepa* L. A cebola, como é popularmente conhecida, possui variedades que incluem a roxa. Não possui sinonímias conhecidas. Do ponto de vista da ritualística da Umbanda Nagô é utilizada primordialmente como condimento alimentar em “comidas de santo” nas festividades. Quanto ao centro de origem do gênero *Allium*, até o presente, persistem dúvidas, pois não foram encontradas espécies selvagens do mesmo. A maioria dos botânicos, todavia, aponta a Ásia Central, que compreende um território relativamente pequeno do Noroeste da Índia (Punjab, Cachemira), todo o Afeganistão, as ex Repúblicas Soviéticas de Tadjiquistão e de Uzbequistão, e a parte ocidental de Tian-chan, como o seu provável centro de origem ou primário. Esta região foi assim considerada devido à grande diversidade de invasoras do gênero *Allium* encontrada nessa área. Parte utilizada: prioritariamente o bulbo, muito embora possam ser utilizadas as folhas verdes.
- *Allium fistulosum* L. Conhecida como cebolinha, cebolinha verde, ou cheiro verde. Tem apenas *Allium wakegi* Araki como sinonímia conhecida. É empregada como condimento alimentar em “comidas de santo” nas festividades. Apresenta as mesmas

considerações, quanto a sua provável origem botânica, apresentadas para *Allium cepa* L. Parte utilizada: prioritariamente o bulbo, muito embora possam ser utilizadas as folhas verdes.

- *Allium sativum* L. Popularmente conhecida como alho. Apresenta *Allium pekinense* Prokhanov como sinonímia. Almeida et al. (2012), apresentam uso medicinal por comunidade do interior baiano; enquanto que, no ritual pesquisado, é empregada exclusivamente da mesma forma que *Allium cepa* L. e com as mesmas considerações para sua origem botânica. Parte utilizada: prioritariamente o bulbo, muito embora possam ser utilizadas as folhas verdes.
- *Allium schoenoprasum* L. Possui as mesmas denominações populares de *Allium fistulosum* L. Possui *Allium buhseanum* Regel, *Allium schoenoprasum* var. *buhseanum* (Regel) Boiss., *Allium schoenoprasum* var. *laurentianum* Fernald, *Allium schoenoprasum* var. *sibiricum* (L.) Hartm. e *Allium sibiricum* L. como sinonímias. É empregada da mesma forma que *Allium fistulosum* L. e possui o mesmo dilema dos demais representantes do gênero *Allium* L. para sua possível origem botânica. Parte utilizada: prioritariamente o bulbo, muito embora possam ser utilizadas as folhas verdes.
- *Ananas comosus* (L.) Merr. Conhecida como abacaxi, possui diversas variedades, destacando comercialmente, no Brasil, *Ananas comosus* var. *comosus* (L.) Merr. (Abacaxi Pérola). Possui uma variedade “selvagem” que recebe a denominação de Ananás (*Ananas comosus* var. *erectifolius* (L.B. Sm.) Coppens e F.Leal) bastante conhecida no Rio Grande do Sul, que se apresenta mais avermelhada e significativamente mais ácida (Crestani et al., 2010). A maioria das cultivares de abacaxizeiro pertence à espécie *Ananas comosus* (L.) Merril, espécie diploide (Cotias-de-Oliveira et al., 2000). São sinonímias desta espécie, *Ananas ananas* (L.) Voss, *Ananas domestica* Rumph., *Ananas parguazensis* L.A. Camargo e L.B. Sm., *Ananas sativa* Lindl., *Ananas sativus* Schult. e Schult. f., *Bromelia ananas* L., *Bromelia comosa* L. É utilizada ritualisticamente para o preparo de uma bebida festiva conhecida como Atam e em trabalhos vinculados à orixá Obá. Conforme Crestani et al. (2010) e segundo a classificação de Zohary (1970) e Giacometti e Ferreira (1987), a região central da América do Sul é considerada o centro mundial de diversidade genética do abacaxi, a qual abrange o Brasil, o Paraguai e a região andina. Parte utilizada: somente as infrutescências.

- *Arachis hypogaea* L. O amendoim é utilizado em pés-de-moleque e rapaduras associadas aos Pretos-velhos. Além disto, é empregado como um dos sete grãos em alguns trabalhos de Orixás. O estudo de Gomes et al. (2008) registra seu uso com propósitos medicinais. O amendoim é planta originária da América do Sul, da região compreendida entre as latitudes de 10° e 30° sul, com provável centro de origem na região de Gran Chaco (Paraguai), incluindo os vales do Rio Paraná e Paraguai. A difusão do amendoim iniciou-se pelos indígenas para as diversas regiões da América Latina, América Central e México. No século XVIII foi introduzido na Europa. No século XIX difundiu-se do Brasil para a África e do Peru para as Filipinas, China, Japão e Índia. Possui cinco subespécies, sete variedades e duas formas. Além disto, possui *Lathyrus esquirolii* H. Lév. como sinonímia. Parte utilizada: somente os grãos (sementes).
- *Aristolochia cymbifera* Mart. e Zucc. Na medicina popular, o chá de Cipó-mil-homens é apontado como diurético, sedativo, antisséptico, estomáquico, sendo empregado para casos de asma, febres, problemas gástricos, diarreia, gota, hidropisia, convulsões, epilepsia, flatulências e pruridos. Basta colocar duas colheres de sopa da erva em infusão, em um litro de água fervente, e deixar por dez minutos. São utilizáveis, indistintamente, caule, rizoma, raízes e parte aérea, sendo referenciado por Almeida et al. (2011), o uso da casca. No âmbito litúrgico porém, costuma-se utilizar apenas o caule e este é então, normalmente, empregado em banhos de descarrego. Apresenta *Howardia cymbifera* (Mart.) Klotzsch como sinonímia. Além disto, possui *A. cymbifera* var. *abbreviata* Mart. ex Duch., *A. cymbifera* var. *cymbifera* Mart. e *A. cymbifera* var. *labiosa* (Ker Gawl.) Duch. como variedades. Partes utilizadas: normalmente o caule, mas outras partes podem igualmente ser utilizadas.
- *Brassica juncea* (L.) Czern. A mostarda é muito conhecida, da sociedade, como condimento de cachorro-quente, sendo menos famosa em sua forma vegetal. É uma das mostardas mais picantes, contendo 35% de óleo comestível. A planta é ereta, muito ramificada e cresce até 1,00m de altura, sendo suas flores auto-férteis. Possui *Brassica juncea* (L.) Coss. e, como sinónimias, *Brassica besseriana* Andr. ex Trautv., *Brassica cernua* (Thunb.) F.B. Forbes e Hemsl., *Brassica chenopodiifolia* Sennen e Pau, *Brassica integrifolia* (H. West) O.E. Schulz, *Brassica japonica* (Thunb.) Siebold ex Miq., *Brassica timoriana* F. Muell., *Raphanus junceus* (L.) Crantz, *Sinapis abyssinica* A. Braun, *Sinapis cernua* Thunb., *Sinapis integrifolia* H.

West, *Sinapis japonica* Thunb., *Sinapis juncea* L., *Sinapis rugosa* Roxb., *Sinapis timoriana* DC. Seu uso ritualístico está associado ao Amalá de Xangô. Possui como origem botânica provavelmente a África, tendo sido posteriormente naturalizada na Ásia. Parte utilizada: somente as folhas e talos menores.

- *Capsicum annuum* L. O pimentão é uma das hortaliças de maior consumo no Brasil. Possui variedades de cores verde, vermelha e amarela. Podem ser consumidos pré-maduros ou maduros e possuem pouquíssimas calorias. Seu uso aparece como condimento alimentar em alimentações festivas. Apresenta *Capsicum annuum* var. *conoide* (Mill.) Irish, *C. annuum* var. *fasciculatum* (Sturtev.) Irish, *C. annuum* var. *grossum* (L.) Sendtn., *C. baccatum* L., *C. conicum* Lam., *C. conoide* Mill., *C. curvipes* Dunal, *C. fasciculatum* Sturtev., *C. frutescens* L., *C. frutescens* var. *fasciculatum* L.H. Bailey, *C. frutescens* var. *grossum* L.H. Bailey, *C. frutescens* var. *longum* L.H. Bailey, *C. grossum* L., *C. hispidum* var. *glabriusculum* Dunal, *C. indicum* var. *aviculare* Dierb., *C. longum* A. DC., e *C. petenense* Standl. como sinónimas. Possui vinte e seis variedades, oito formas e duas subespécies conhecidas. Parte utilizada: somente o fruto.
- *Capsicum baccatum* var. *pendulum* (Willd.) Eshbaugh. Sua pungência é baixa e é utilizada em molhos, conservas e desidratada, em flocos (calabresa). Seu uso aparece como condimento alimentar quando parte do sumo de conserva é empregado, ou pequenas porções do próprio fruto. Não se observa um uso mais acentuado. Possui *Capsicum pendulum* Willd. como sinónima. Parte utilizada: somente o fruto.
- *Capsicum frutescens* L. Representa uma das pimentas mais cultivadas no Brasil. Com pungência de média para alta. Possui *Capsicum conicum* G. Mey. e *Capsicum longum* A. DC. como sinónimas. No âmbito litúrgico, é utilizada tanto como condimento alimentar, como em trabalhos específicos de alguns Orixás e do Povo-de-rua. Parte utilizada: somente o fruto.
- *Cicer arietinum* L. Semelhantemente ao girassol, o grão-de-bico aparece nos trabalhos associados à fartura, como um dos sete grãos a ser empregado. O estudo de Gomes et al. (2008) registra seu uso com propósitos medicinais. Possui sinónima com *Ononis crotalarioides* Coss. e *O. crotalarioides* M.E. Jones. e apresenta apenas três variedades, a saber, *C. arietinum* var. *arietinum* L., *C. arietinum* var. *fuscum* Alef., e *C. arietinum* var. *vulgare* Jaub. Parte utilizada: somente os grãos (sementes).
- *Citrus sinensis* (L.) Osbeck / *Citrus* × *sinensis* (L.) Osbeck. Enquanto fruta está associada aos Orixás Ogum e Obá. É utilizada ritualisticamente para o preparo de

uma bebida festiva conhecida como Atam, além disto, é normalmente empregada em homenagens através de cestas de frutas como oferta. Seu uso medicinal é referenciado por Almeida et al. (2012). Apresenta *Citrus aurantium* var. *sinensis* L. como sinonímia. Além disto, são aceitos como nomes para esta espécie, *Citrus* × *aurantium* L. e *Citrus maxima* (Burm.) Merr. Possui quatro subespécies, três variedades e uma forma. Parte utilizada: somente o fruto, embora existam recomendações de uso das folhas em efusões com mel para resfriados.

- *Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum. et Nakai. A planta da melancia é uma herbácea anual de caule rasteiro, semelhante à da abóbora, com ramas que alcançam três metros, apresentando folhas recortadas. Possui gavinhas e flores masculinas e femininas, solitárias, de coloração amarela, sendo as femininas em menor número, localizando-se no meio e nas extremidades das hastes. O Missouri Botanical Garden considera o nome *Citrullus lanatus* (Thunb.) Mansf. como “inválido”. Possui *Citrullus lanatus* (Thunb.) Mansf. como homonímia; e *Citrullus caffer* Schrad., *C. citrullus* (L.) H. Karst., *C. colocynthis* var. *lanatus* (Thunb.) Matsum. e Nakai, *C. edulis* Spach, *C. lanatus* (Thunb.) Mansf., *C. pasteca* Sageret, *C. vulgaris* Schrad., *Colocynthis amarissima* Schldtl., *C. amarissima* Schrad., *C. citrullus* (L.) Kuntze, *C. citrullus* Fritsch, *Cucumis citrullus* (L.) Ser., *C. colocynthis* Thunb., *C. lacinosus* Eckl. ex Schrad., *Cucurbita anguria* Duchesne ex Lam., *C. caffra* Eckl. e Zeyh., *C. citrullus* L., e *Momordica lanata* Thunb. como sinonímias. São conhecidas dezoito variedades, uma forma e seis subespécies. A melancia encontra-se associada ao orixá Yemonjá. Seu uso é costumeiro na homenagem realizada a este orixá na Obrigação de Praia realizada de 01 para 02 de fevereiro no litoral quando, após a Benção das Águas é distribuída aos adeptos. De acordo como Gomes (1982), a melancia é originária das regiões tropicais da África Equatorial, tendo encontrado excelentes condições para o seu desenvolvimento no Brasil, com isto se tornando uma das mais importantes olerícolas produzidas e consumidas no país. Parte utilizada: somente o fruto.
- *Cocos nucifera* L. Do coco utiliza-se, em verdade, sua semente, visto que o endocarpo é completamente fibroso. O estudo de Gomes et al. (2008) registra seu uso com propósitos medicinais. Assim, tem-se na medicina popular o uso conforme a parte selecionada da semente, neste caso, a castanha é recomendada para tratamento de úlceras estomacais, inflamações intestinais, artrite, asma, tosse, afecções das vias respiratórias; a água-de-coco como hidratante e o controle da asma. O coco fresco

ralado para combate de vermes intestinais; e o óleo de coco para amenizar a dor em dentes cariados, além de facilitar sua extração. Seu uso litúrgico, pela Umbanda Nagô, encontra-se associado especialmente ao coco ralado e ao leite de coco, o primeiro utilizado em trabalhos de alguns Orixás, ou na produção de cocadas para Yemanjá, e o segundo, por exemplo, no preparo de Canjica para Yemanjá ou para Oxalá. Possui como sinonímias *Calappa nucifera* (L.) Kuntze, *Cocos indica* Royle, *Cocos nana* Griff. e *Palma cocos* Mill. Como variedades, apresentam-se *C. nucifera* var. *nana* Griff., *C. nucifera* var. *nucifera* L., *C. nucifera* var. *spicata* L., *C. nucifera* var. *synphyllica* Becc. e *C. nucifera* var. *typica* L. Partes utilizadas: o endosperma helobial (polpa sólida), a água-de-coco e o leite-de-coco (produto industrializado).

- *Coix lacryma-jobi* L. (Fig. 1). Seu uso litúrgico está essencialmente associado a produção de guias (fios-de-contas), não se evocando qualquer outro uso observado. Gomes et al. (2008) e Almeida et al. (2012), relatam seu uso medicinal. Possui sinonímia com *C. agrestis* Lour., *C. arundinacea* J. Koenig ex Willd., *C. arundinacea* Lam., *C. exaltata* Jacq., *C. exaltata* Jacq. ex Spreng., *C. lacryma* L., *C. ovata* Stokes, *C. pendula* Salisb., *Lithagrostis lacryma-jobi* (L.) Gaertn., e *Sphaerium lacryma* (L.) Kuntze. São reconhecidas duas supespécies, doze variedades e duas formas. Parte utilizada: somente os grãos (sementes).



Figura 1. Sementes de *Coix lacryma-jobi* L. em situação silvestre na Linha Passarini, região de Viadutos, RS (Foto: Biólogo Vladimir Stolzenberg Torres).

- *Cucurbita moschata* Duchesne. A conhecida abóbora possui apenas *Cucurbita pepo* var. *moschata* (Duchesne) Duchesne como sinonímia; surgindo *Cucurbita moschata*

Duchesne *ex* Poir. como homonímia. Segundo Sanjur et al. (2002), o gênero *Cucurbita* é formado pelo menos por 15 espécies e tem cinco importantes espécies domesticadas: *C. pepo* Linneu (abobrinha), que é a espécie mais cultivada, *C. maxima* Duchesne (morangas), *C. moschata* Duchesne (abóbora), *C. ficifolia* Huber (mogango) e *C. argyrosperma* Boucher (gila). Apenas as três primeiras são cultivadas no Brasil com sementes comerciais. O cultivo de *C. ficifolia* e *C. argyrosperma* é feito ainda quase que exclusivamente por sementes crioulas há pelo menos 70 anos (BARBIERI et al., 2007). No âmbito ritualístico é utilizado em trabalhos associados a idéia de obtenção de prosperidade financeira. Essa espécie sendo extremamente variável quanto à morfologia de seus frutos e suas sementes, não se pode tirar nenhuma conclusão quanto à determinação de um centro de origem genética. Os vestígios dessa espécie descobertos durante pesquisas arqueológicas não permitem afirmar com certeza que essa espécie é originária da América Central ou da América do Sul. Os vestígios mais antigos foram descobertos nas grutas de Ocampo, Tamaulipas no noroeste do México. Eles datam de um período que vai de 4.900 a 3.500 antes de Cristo (AQUINO et al., 2010). Parte utilizada: essencialmente o fruto, embora haja um relato sem confirmação para o potencial uso das sementes.

Conforme Aquino (2010), as abóboras junto com o feijão e milho formavam um importante complexo alimentar dos habitantes da mesoamérica, a civilização Olmeca, posteriormente incorporado à dieta dos Astecas, Maias e Incas.

- *Dioclea violacea* Mart. *ex* Benth. (Fig. 2). A espécie é conhecida como estojo-de-luneta, ou olho-de-boi, dinheiro-de-índio, mucunã-peluda, cipó-de-imbiri, coroanha, micunã, mucunã-assú, pó-de-mico; possuindo *Dioclea paraguariensis* Hassl., *Dioclea altissima* (Vell.) Rock, *Dolichos altissimus* Vell., e *Dioclea pilifera* Tul. como sinónimas. Nos rituais é pouco utilizada, sendo empregada primordialmente na constituição de guias, normalmente associadas a Pretos-velhos e/ou Caboclos. Sua origem botânica é sulamericana. Parte utilizada: somente as sementes.



Figura 2. Sementes de *Dioclea violacea* Mart. ex Benth. Moeda de R\$ 1,00 como referência de dimensões (Foto: Eng. Agrônomo Paulo Fialho Meireles).

- *Elaeis guineensis* Jacq. O dendezeiro é uma palmeira originária da Costa Ocidental da África (Golfo da Guiné) sendo encontrada em povoaamentos sub espontâneos desde o Senegal até Angola; foi trazido, no século XVII, pelos escravos ao Brasil e adaptou-se bem ao clima tropical úmido do litoral baiano (SALGADO, 2011). O óleo obtido dos seus frutos (azeite-de-dendê) é considerado indispensável para a elaboração de grande parte das comidas-de-santo e para inúmeros trabalhos ritualísticos. Apresenta *Elaeis dybowskii* Hua, *E. guineensis* var. *madagascariensis* Jum. e H. Perrier, *E. macrophylla* A. Chev., *E. madagascariensis* (Jum. e H. Perrier) Becc., *E. melanococca* Gaertn., *E. melanococca* var. *semicircularis* Oerst., e *E. oleosa* Mill. como sinónímias. *Elaeis guineensis* L. apresenta-se como nome inválido e homonímia. Possui dezenove variedades, oito formas e uma subespécie, *Elaeis guineensis* subsp. *virescens* A. Chev. (*Elaeis guineensis* subsp. *nigrescens* (Jacq.) A. Chev. não é aceita como válida) conhecidas. Parte utilizada: somente os frutos, sob a forma de óleo.
- *Eugenia uniflora* L. Trata-se de planta associada à orixá Yansã. Liturgicamente são empregadas suas folhas em banhos de descarrego e energização. O estudo de Gomes et al. (2008), e o de Almeida et al. (2012), registram seu uso com propósitos medicinais. Torres (com. pes.) relata de sua indicação (folhas) em efusão para controle diarreias. *Eugenia uniflora* O. Berg é considerado como nome inválido, porém, se apresentando como homonímia para *Eugenia uniflora* L. Apresenta *Eugenia brasiliana* (L.) Aubl., *E. costata* Cambess., *E. indica* Nicheli, *E. lacustris*

Barb. Rodr., *E. michelii* Lam., *E. microphylla* Barb. Rodr., *E. parkeriana* DC., *Myrtus brasiliana* L., *Plinia pedunculata* L. f., *P. rubra* L., *Stenocalyx affinis* O. Berg, *S. brunneus* O. Berg, *S. dasyblastus* O. Berg, *S. glaber* O. Berg, *S. impunctatus* O. Berg, *S. lucidus* O. Berg, *S. michelii* (Lam.) O. Berg, *S. nhampiri* Barb. Rodr., *S. strigosus* O. Berg, e *S. uniflorus* (L.) Kausel como sinónimas. *Stenocalyx uniflorus* (L.) Kausel é considerado como nome aceito. Possui *Eugenia uniflora* var. *atropurpurea* Mattos e *E. uniflora* var. *uniflora* L. como variedades. Parte utilizada: primordialmente as folhas.

- *Euterpe edulis* Mart. No âmbito do ritual é utilizado sob a forma de palmito como componente alimentar em “comidas de santo” nas festividades. Considerando que é adquirido sob a forma de conserva (embalado em vidros), poderá eventualmente ser substituído pela espécie amazônica, neste caso, *Euterpe oleracea* Mart. ou por *Bactris gasipaes* Kunth (conhecida como pupunha). *E. edulis* Mart. ocorre naturalmente desde o sul da Bahia até o Rio Grande do Sul, havendo referências, também, para os Estados de Pernambuco, Alagoas, Goiás e Mato Grosso do Sul (PONTES et al., 2012). O palmito é retirado da extremidade superior do tronco (estipe) da palmeira, sendo formado por um tecido embrionário branco (meristema), envolvido pela parte basal e achatada das folhas jovens (bainhas), sendo responsável pelo crescimento da palmeira (TABORA-JR. et al., 1993; PONTES et al., 2012). Como essa espécie possui estipe único, portanto não formando touceira, a retirada do palmito causa a morte do indivíduo. Apresenta *Euterpe edulis* var. *clausa* Mattos, *E. egusquizae* Bertoni ex Hauman, e *E. espiritosantensis* H.Q.B. Fernandes como sinónimas. *Euterpe edulis* var. *clausa* Mattos e *E. edulis* var. *edulis* Mart. Representam as variedades conhecidas. Parte utilizada: somente a gema apical da estipe.
- *Glycine max* (L.) Merr. A soja representa um dos sete grãos a ser empregado em trabalhos associados à fartura. Apesar da divergência entre os estudiosos, relatos históricos e geográficos evidenciam que a soja é originária da região leste da Ásia, mais especificamente do Nordeste da China, emergindo como planta domesticada por volta do século XI a.C. (BONETTI, 1981). Possui basionímia em *Phaseolus max* L. Como sinónimas são considerados, *Dolichos sofa* L., *D. soja* L., *Glycine angustifolia* Miq., *G. gracilis* Skvortsov, *G. hispida* (Moench) Maxim., *G. soja* Siebold e Zucc., *Phaseolus max* L., *Soja angustifolia* Miq., *S. hispida* Moench, *S. japonica* Savi, *S. max* (L.) Piper, e *S. viridis* Savi. Como variedades tem-se *G. max*

var. *okuharae* H.Nakam. ex T. Shimizu, e *G. max* var. *quinquefoliolata* Makino. Como subespécies, tem-se *G. max* subsp. *max* (L.) Merr., *G. max* subsp. *formosana* (Hosok.) Tateishi e H. Ohashi, e *G. max* subsp. *soja* (Siebold e Zucc.) H. Ohashi. Parte utilizada: somente os grãos (sementes).

- *Helianthus annuus* L. O girassol aparece nos trabalhos associados à fartura, como um dos sete grãos a ser empregado. O estudo de Gomes et al. (2008) registra seu uso com propósitos medicinais. Possui três subespécies e duas variedades consideradas como sinonímias da espécie tipo, bem como sinonímia com outras seis espécies, a saber, *H. aridus* Rydb., *H. jaegeri* Heiser, *H. lenticularis* Douglas ex Lindl., *H. macrocarpus* DC., *H. multiflorus* L., e *H. ovatus* Lehm. Prevaecem, ainda, sete subespécies, dezoito variedades, três formas e um híbrido (*Helianthus annuus* x *petiolaris*). Parte utilizada: somente os grãos (sementes).
- *Lactuca sativa* L. Denominada popularmente como alface. É uma hortaliça de grande importância econômica no Sul do Brasil, apresentando uma única espécie como sinonímia, qual seja, *Lactuca scariola* var. *sativa* (L.) Moris. Seu uso ritualístico está associado a inúmeros trabalhos de prosperidade. De acordo com o Babalorixá Felipe de Ogum (com. pes.), sua presença em muitos trabalhos representa uma substituição a *Ricinus communis* L. Possui origem, conforme Yuri (2004), na região mediterrânea. Parte utilizada: essencialmente as folhas, embora se tenha obtido relato sem confirmação do uso das raízes como tranquilizantes.
- *Lagenaria siceraria* (Molina) Standl. É conhecida popularmente na região sulbrasileira como porongo, enquanto em outras regiões emprega-se a denominação de cabaça. De acordo com Santos et al. (2014), trata-se de uma planta com origem africana, tendo se tornado tradicional em muitos países tropicais e subtropicais, nos quais apresenta uma ampla gama de utilização. Apresenta sinonímia com *Cucumis mairei* H. Lév., *C. dolatrica* Willd.; *C. lagenaria* L.; *C. leucanta* Duchesne; *C. siceraria* Molina; *Lagenaria bicornuta* Chakrav.; *L. idolatrica* (Willd.) Ser. ex Cogn.; *L. lagenaria* (L.) Cockerell; *L. leucanta* Rusby e suas variedades; *L. microcarpa* Naudin; *L. siceraria* var. *depressa* (Ser.) H. Hara; *L. siceraria* var. *laevisperma* Millán; *L. siceraria* var. *microcarpa* (Naudin) H. Hara; *L. vulgaris* Ser. e suas variedades; e *L. vulgaris* subsp. *africana* Kobjakova. Possui, de acordo com o Missouri Botanical Garden, cinco variedades e duas subespécies. O estudo de Messias et al. (2012), registra o uso do fruto imaturo, com ingestão in-natura e apresentando funções purgativas e emenagogas. Seu uso litúrgico, pela Umbanda

Nagô, encontra-se associado exclusivamente a instrumentos musicais, neste caso, os Agês – espécie de chocalho.

- *Malus domestica* Borkh. A maçã aparece vinculada a trabalhos do orixá Ogum e está igualmente associada a alguns trabalhos da magia cigana na linha do Povo-da-rua. Além disto, juntamente com *Ananas comosus* (L.) Merr. e *Citrus sinensis* (L.) Osbeck (*Citrus* × *sinensis* (L.) Osbeck), representa um dos ingredientes da bebida conhecida como Atam. O Missouri Botanical Garden considera este nome como “ilegítimo”, aceitando o nome *Malus pumila* Mill. como uma alternativa válida. Apresenta *Malus communis* Poir., *M. sylvestris* subsp. *mitis* Mansf., *M. sylvestris* subsp. *orientalis* Browicz, *M. sylvestris* subsp. *orientalis* Soó, *Pyrus malus* L., *P. malus* var. *mitis* Wallr., e *P. pumila* (Mill.) Steud. como sinónimias. Apresenta, como subespécies, *M. domestica* subsp. *prunifolia* (Willd.) Likhonos, e *M. domestica* subsp. *pumila* (Mill.) Likhonos ex Likhonos; e, como variedades, *M. domestica* var. *asiatica* (Nakai) Ponomar., *M. domestica* var. *halliana* (Koehne) Likhonos, *M. domestica* var. *hupehensis* (Pamp.) Likhonos, *M. domestica* var. *micromalus* (Makino) Likhonos, *M. domestica* var. *rinki* (Koidz.) Ohle, e *M. domestica* var. *spectabilis* (Aiton) Likhonos. Parte utilizada: somente o fruto.
- *Mangifera indica* L. É disponibilizada, com outras frutas, como uma oferenda genérica aos Orixás. O estudo de Gomes et al. (2008) registra seu uso com propósitos medicinais. Apesar disto, encontra-se associada à orixá Yansã, a qual deve ser ofertada em número de sete unidades, conforme o Babalorixá Marçal de Xangô (com. pes.). Apresenta *Mangifera austroyunnanensis* H.H. Hu e *Rhus laurina* Nutt. como sinónimias. A mangueira foi introduzida no Brasil, proveniente do continente Africano, pelos portugueses, no século XVI. Esta espécie propaga-se por sementes, tem crescimento rápido e adapta-se melhor as áreas que possuem estações secas e chuvas bem definidas, com temperatura em torno de 20-26 graus e de baixa umidade. Parte utilizada: somente o fruto.
- *Manihot esculenta* Crantz. De acordo com Valle (s/d), a mandioca é uma espécie domesticada nas terras baixas da América pelas populações pré-colombianas. O local de domesticação não é bem conhecido, mas evidências biológicas indicam ser a transição entre a floresta amazônica e o cerrado, atualmente a divisa entre os Estados de Mato Grosso, Rondônia, Amazonas e Tocantins (VALLE, s/d; ALLEN, 1994; OLSEN; SHALL, 2000). Devido à grande adaptabilidade as condições edafoclimáticas das terras quentes da América, tornou-se alimentação básica de

várias populações indígenas, especialmente na Amazônia, e complementar para outras sendo parte importante no cardápio, como ocorreu na região Brasil-Paraguai (VALLE s/d). A mandioca é dividida em dois grandes grupos: um destinado à produção de produtos secos que exigem sistemas de processamento mais complexo (farinha de mandioca e outras farinhas, fécula, e beijus, e.g.) e outro destinado ao consumo via úmida, cujo processamento se dá no ambiente doméstico (cozida, frita, e moqueada dentre outros). O primeiro grupo é chamado em linguagem técnica de mandioca para indústria e em linguagem popular simplesmente mandioca. O segundo grupo é chamado em linguagem técnica de mandioca para mesa, mas há várias denominações regionais: aipim (região sul), macaxeira (nordeste) ou simplesmente mandioca (VALLE s/d). A mandioca para mesa diferencia-se da mandioca para a indústria por várias características. A mandioca para mesa tem sabor característico, textura e cor da massa cozida diferenciadas para atender a preferências regionais, locais e até pessoais. Duas características são fundamentais: cozinhar rapidamente e ter baixo potencial cianogênico. O cozimento rápido (máximo de 30 minutos) está associado à textura macia e crocância da mandioca frita, raízes que demoram a cozinhar ficam duras, heterogêneas e sabor desagradável (PEREIRA et al. 1985; LORENZI, 1994). Na ritualística da Umbanda Nagô, a versão aipim é servida frita em algumas opções de alimentação de festas, enquanto a mandioca é empregada na forma de farinha, tanto na alimentação em festividades (e.g., feijão mexido) como encontra-se associada a trabalhos realizados com vistas aos Orixás, por exemplo Xangô. O Missouri Botanical Garden considera *Manihot esculenta* Crantz como o nome válido, apontando *Manihot esculenta* Cif. como homonímia e, portanto, inválido. Este mesmo banco de dados aponta, ainda, uma lista de aproximadamente quarenta sinónimas catalogadas. Além disto, possui quatro subespécies e vinte e duas variedades. Parte utilizada: somente a raiz.

- *Melia azedarach* L. O cinamomo é uma árvore originária do sul da Ásia. Possui marcante uso de suas folhas, especialmente em trabalhos associados a linha de Pretos-velhos e Caboclos. Possui como sinónimas *M. azedarach* subvar. *intermedia* Makino, *M. azedarach* var. *intermedia* (Makino) Makino, *M. azedarach* var. *subtripinnata* Miq., *M. azedarach* var. *toosendan* (Siebold e Zucc.) Makino, *M. japonica* var. *semperflorens* Makino, *M. orientalis* M. Roem. e *M. toosendan* Siebold e Zucc. Além disto, apresenta cinco variedades e uma subvariedade conforme o

Missouri Botanical Garden. Parte utilizada: essencialmente as folhas, embora haja informação não confirmada de uso de seus frutos também.

- *Mentha x piperita* L. Conhecida como alevante ou levante. É um híbrido, originário do cruzamento entre diversas espécies, provavelmente *Mentha spicata* L., *Mentha aquatica* L., *Mentha longifolia* Huds. e *Mentha rotundifolia* Huds. Possui *Mentha citrata* Ehrh. como sinonímia. É produtora de óleo essencial rico em mentol e flavonóides, cujas aplicações nas indústrias farmacêuticas conferem-lhe grande importância econômica; além disto, seu aroma é conhecido por todos, sendo considerada como sagrada para muitos povos (MARTINS *et al.*, 2003). O estudo de Gomes *et al.* (2008) registra seu uso com propósitos medicinais. Nos rituais costuma ser utilizada em banhos em combinação com outras ervas. É originária da Europa de onde foi trazida no período da colonização para o Brasil. Partes utilizadas: as folhas e os talos menores.
- *Mentha villosa* Becker / *Mentha × villosa* Huds. A hortelã é uma planta medicinal muito utilizada desde a antiguidade, passando pelos egípcios, gregos, hebreus, romanos e americanos, aparecendo como fornecedora de recursos botânicos medicinais do mundo antigo aos dias atuais. Almeida *et al.* (2012), lhe conferem propriedades medicinais pela crença popular. Seu uso litúrgico é associado essencialmente a trabalhos de descarrego. Apresenta *M. villosa* subsp. *alopecuroides* Briq. como subespécie e o híbrido *Mentha × villosa* nothovar. *villosa*; salietando-se que a expressão "nothovar." refere-se a um cultivar obtido a partir de híbridos interespecíficos. Partes utilizadas: as folhas e os talos menores.
- *Musa paradisiaca* L. A bananeira surge com elevada relevância na ritualística da Umbanda Nagô. Todo templo mantém no recuo de jardim um exemplar da mesma, encontrando-se esta associada ao Exú primordial e, junto a si, uma pequena cova associada à orixá Nanã. A fruta é associada aos Orixás Oxum e Xangô, sendo empregada em algumas opções de alimentação de festas, bem como, em alguns trabalhos realizados com vistas ao orixá Xangô. Além da fruta, são ainda utilizadas as folhas e o botão floral (coração) este utilizado na elaboração de um xarope para afecções pulmonares, especialmente a asma. Uma única sinonímia identificada, qual seja, *Musa sapientum* L. Registra-se, porém, uma subespécie, neste caso, *Musa paradisiaca* subsp. *sapientum* (L.) Kuntze *ex* K. Schum., e uma variedade, a saber, *Musa paradisiaca* var. *sapientum* (L.) Kuntze. Partes utilizadas: os frutos, as folhas e o botão floral.

- *Olea europaea* L. A oliveira é uma árvore de tamanho médio, cujo porte, densidade da copa e cor da madeira variam em função da variedade e de condições de cultivo. Seu sistema radicular está relacionado com origem da árvore; se for de sementes, o sistema radicular é caracterizado por uma raiz pivotante central e a partir de estacas, forma-se um sistema radicular fasciculado (OLIVEIRA et al., 2003). A oliveira cultivada produz frutos verdes que amadurecem e ficam escuros, sendo colhidas em estágios diferentes de maturação e propiciando dois produtos de sabor diferente, ambos muito apreciados nas receitas salgadas. No entanto há uma oliveira, a *Olea europaea* subsp. *africana* (Mill.) P.S. Green, que produz frutos pretos. Possui onze subespécies, quinze variedades e uma forma conhecidas. No âmbito ritualístico são utilizados os frutos dessementados em alimentações festivas. Parte utilizada: somente os frutos.
- *Petroselinum crispum* (Mill.) Fuss. Popularmente conhecida como Salsa ou Salsinha, é uma planta aromática, tornando-se popular na Europa e no restante do mundo como tempero nos mais diversos pratos (KREYDIYYEH et al., 2001). No âmbito do ritual costuma ser utilizada como condimento alimentar em “comidas de santo” nas festividades. Sua provável origem botânica é a região do Mediterrâneo. Partes utilizadas: as folhas e os talos menores.
- *Phaseolus vulgaris* L. A espécie é designativa de pelos menos três variedades comerciais, sendo a preta, a branca e a “vermelha”. No âmbito da ritualística da Umbanda Nagô, é utilizada a primeira. Assim, o feijão preto surge como condição de alimentação festiva nesta ritualística, sendo apresentado na forma de feijão-mexido com farinha de mandioca. As três variedades são apontadas como contendo ferro, vitaminas do complexo B, molibdênio, ácido fólico, fibras e demais minerais fundamentais para o bom funcionamento do organismo. A espécie é responsável por ocasionar um aumento repentino das taxas de açúcar e insulina no sangue, efeito este, decorrente do fato de as fibras solúveis absorverem água no estômago, formando uma espécie de gel, o qual retarda o metabolismo de carboidratos. Estudo realizado por Debouck (1988), demonstra que a espécie é originária do continente americano, apresentando três centros de diversidade genética: Mesoamericano, Norte e Sul dos Andes. Esta espécie possui *P. aborigineus* Burkart, *P. aborigineus* var. *hondurensis* Burkart, *P. communis* Pritz., *P. esculentus* Salisb., *P. vulgaris* subsp. *aborigineus* (Burkart) Burkart e H. Bruecher, e *P. vulgaris* var. *aborigineus* (Burkart) Baudet como sinônimas de acordo com o Missouri Botanical Garden. O Missouri Botanical

Garden considera *Phaseolus vulgaris* L. como o nome válido, apontando *Phaseolus vulgaris* Wall. como homonímia e, portanto, inválido. Parte utilizada: somente os grãos (sementes).

- *Piper nigrum* L. Conhecida como pimenta-do-reino, possui *Piper nigrum* var. *hirtellosum* Asokan Nair e Ravindran, *Piper nigrum* var. *macrostachyum* e *Piper nigrum* var. *nigrum* L. como variedades botânicas. Trata-se de uma planta trepadeira originária da Índia. É a mais importante especiaria comercializada mundialmente e é usada em larga escala como condimento, e também em indústrias de carnes e conservas. No âmbito litúrgico, é utilizada tanto como condimento alimentar, como em trabalhos específicos de alguns Orixás e mesmo do Povo-de-rua. Os frutos dessa planta sofrem diferentes tipos de processamento, resultando como produtos a pimenta-do-reino preta e a pimenta-do-reino branca. Parte utilizada: somente os frutos.
- *Raphia vinifera* P. Beauv. A palha-da-costa é empregada especialmente para a confecção de coberturas de cabeça femininas, de Pombas-gira, ou como representação simbólica de sua coroação por ocasião do término dos sete anos de feitura. Também empregada para confecção de algumas guias (fios-de-contas), normalmente associadas a Pretos-velhos e/ou Caboclos. Também é empregada por ocasião do Trabalho de Apoti (ou no Trabalho de Agajô), na forma de Afoxés (pequenas tranças que são amarradas nos tornozelos e braços dos iniciados por ocasião do ritual). *Raphia vinifera* auct., non P. Beauv. é considerado como nome inválido, apesar disto sendo considerada como sinonímia de *R. vinifera* P. Beauv. Possui *Metroxylon viniferum* (P. Beauv.) Spreng. e *Sagus vinifera* (P. Beauv.) Poir. como sinonímias. São conhecidas como variedades, *R. vinifera* var. *nicaraguensis* (Oerst.) Drude, *R. vinifera* var. *nigerica* Otedoh, *R. vinifera* var. *taedigera* (Mart.) Drude, e *R. vinifera* var. *vinifera* P. Beauv. Parte utilizada: somente as fibras obtidas da planta.
- *Ricinus communis* L. Foi paulatinamente substituído pela alface em muitos trabalhos. Em algumas outras matrizes africanas, as folhas desta espécie encontram-se associadas (face a toxidez da planta) a(o) orixá Iku (a morte), o que não ficou evidenciado na Umbanda Nagô. Ao que parece, a substituição representou uma adaptação em face de possíveis dificuldades para obtenção das folhas. O TUN Reino de Yansã, iniciou, ao que parece, uma retomada do uso original desta folha, assim aproveitando-se da magia emanada da mesma para usos litúrgicos. A sinonímia é

assombrosa, ultrapassando as trinta espécies, sendo que a própria espécie tipo, *R. communis* L. possui como sinónimas de si mesma, não menos que trinta formas e quinze variedades; assim, se computadas todas as possibilidades apontadas pelo Missouri Botanical Garden como sinónimas, este número ultrapassa os cento e cinquenta nomes registrados. Parte utilizada: somente as folhas.

- *Rosa x grandiflora* Hort. (Fig. 3). Grupo de roseiras híbridas proveniente, conforme Lorenzi e Souza (2008), do cruzamento e seleção das “roseiras floribundas” com as “híbridas de chá”. Segundo estes autores, se constituem em arbustos “perenes de crescimento ereto, aproximadamente 1,50-2,00m de altura”, com acúleos, “ramificados, com maior número de flores por hastes individuais, mais longas do que as das roseiras floribundas, com período de florescimento mais longo e mais apropriado para corte de flores”. Lorenzi e Souza (2008) indicam a reprodução por estaquia, o que permite a perpetuação das características da planta matriz; apesar disto, o autor realizou experiências com sementes e obteve produção de mudas em uma eficiência próxima de 40%, embora sem a qualidade estética das matrizes. O estudo de Gomes et al. (2008) registra seu uso com propósitos medicinais. Apresenta-se como uma flor versátil, utilizada em homenagens e trabalhos, por exemplo, de lavagem de cabeça. A rosa branca é associada ao orixá Oxalá; a amarela com Oxum; outras cores poderão ser associadas a outros Orixás, como a coral a Yansã, e vermelhas ao Povo-da-rua (Pombas-gira), por exemplo. O Missouri Botanical Garden não reconhece a existência de *Rosa x grandiflora* Hort. ou de *Rosa grandiflora* Hort., e apesar disto, o nome é propalado por todo o Brasil, especialmente em sites da web como sendo o verdadeiro e válido. Parte utilizada: podem ser utilizadas as flores por inteiro ou apenas suas pétalas.



Figura 3. Exemplo de *Rosa* sp. Espécime de coloração coral/alaranjado identificando-se, pela cor, como uma flor associada à orixá Yansã – Floricultura Winge em Porto Alegre, RS (Foto: Profa. Maria da Graça Oliveira da Silva).

- *Ruta graveolens* L. (Fig. 4). Popularmente conhecida como arruda doméstica, arruda-dos-jardins, ruta, arruda-de-cheiro-forte, arruda-fedorenta, arruda-fêmea, arruda-macho (a diferença entre as denominações macho e fêmea estão associadas ao tamanho da folha, grandes na primeira e pequenas na segunda). É empregada especialmente nos trabalhos que envolvam a linha de Pretos-velhos e Caboclos, sendo pouco utilizada em trabalhos de outras linhas (SALGADO, 2011). Gomes et al. (2008) e Almeida et al. (2012), relatam propriedades medicinais em conformidade com crenças populares. Sua origem botânica está relacionada com a porção Norte da América do Sul, seguindo em direção Norte até o Canadá. Possui uma única variedade, qual seja, *Ruta graveolens* var. *angustifolia* Wall. e *Ruta hortensis* Mill. como sinóníma. Partes utilizadas: folhas e ramos menores.



Figura 4. Exemplos de *Ruta graveolens* L. A esquerda espécime com folhas miúdas, identificado como “fêmea”; e a direita, espécime com folhas de maior porte apontada como “macho” – Floricultura Winge em Porto Alegre, RS (Foto: Biólogo Vladimir Stolzenberg Torres).

- *Sansevieria cylindrica* Bojer. (Fig. 5). Usada na África como matéria prima para a fabricação de fibras. É encontrada em jardins, apresentando folhas verdes, cilíndricas, longas, pontiagudas e suculentas (BLOSSFELD, 1963; LORENZI; SOUZA, 2001). Possui *Sansevieria cylindrica* Bojer ex Hook. como homonímia, apresentando, ainda, duas variedades, *Sansevieria cylindrica* var. *cylindrica* Bojer e *Sansevieria cylindrica* var. *patula* N.E. Br. Parte utilizada: somente as folhas, embora em significativa menor escala que *Sansevieria trifasciata* Prain.



Figura 5. Exemplos de *Sansevieria cylindrica* Bojer – Floricultura Winge em Porto Alegre, RS (Foto: Biólogo Vladimir Stolzenberg Torres).

- *Sansevieria trifasciata* Prain. (Fig. 6). Duas variedades surgem no uso dos rituais de Umbanda Nagô, a espada-de-yansã (*S. trifasciata* var. *laurentii* (De Wild) N. E. Br.) e a espada-de-ogum (*S. trifasciata* var. *trifasciata* Prain). O estudo de Gomes et al. (2008) registra seu uso com propósitos medicinais. É utilizada como simbolismo da espada do orixá que lhe concede o nome, assim como em alguns trabalhos específicos. Sua origem botânica é africana (SALGADO, 2011). Possui *Aletris hyacinthoides* var. *zeylanica* L., *Sansevieria craigii* Auct., *Sansevieria jacquinii* N.E.Br., *Sansevieria laurentii* De Wild., *Sansevieria trifasciata* var. *laurentii* (De Wild.) N.E.Br., *Sansevieria zeylanica* var. *laurentii* (De Wild.) L.H. Bailey como sinônimas. Parte utilizada: somente as folhas.



Figura 6. Exemplos de *Sansevieria trifasciata* Prain. À esquerda espécime com folhas normais, identificado como *S. trifasciata* var. *trifasciata* Prain, popularmente a espada-de-ogum, ou espada-de-são-jorge; e à direita, espécime com folhas de borda amarelada, apontada como *S. trifasciata* var. *laurentii* (De Wild) N. E. Br., popularmente a espada-de-Yansã, ou espada-de-santa-bárbara – Floricultura Winge em Porto Alegre, RS (Foto: Biólogo Vladimir Stolzenberg Torres).

- *Schinus terebinthifolia* Raddi. A pimenta-rosa, o fruto da aroeira-mansa, é muito popular na França, onde é utilizada na ornamentação e tempero de preparações culinárias. Seu sabor é levemente picante e adocicado. Aqui representa uma das sete pimentas utilizadas na ritualística desta matriz africanista. Poderá ser substituída por outras pimentas, desde que mantido o número limite de sete. Existe uma grafia incorreta de seu nome, erroneamente propalada em outros estudos, qual seja, *Schinus terebinthifolius* Raddi. A espécie possui *Sarcotheca bahiensis* Turcz., *Schinus antiarthritica* Mart. ex Marchand, *S. mellisii* Engl., *S. mucronulata* Mart., *S. terebinthifolia* var. *damaziana* Beauverd, e *S. terebinthifolia* var. *raddiana* Engl. como sinónimas. São conhecidas nove variedades, sendo, *Schinus terebinthifolia* var. *terebinthifolia* Raddi, *S. terebinthifolia* var. *acutifolia* Engl., *S. terebinthifolia* var. *damaziana* Beauverd, *S. terebinthifolia* var. *glazioviana* Engl., *S. terebinthifolia* var. *pohlana* Engl., *S. terebinthifolia* var. *raddiana* Engl., *S. terebinthifolia* var. *rhoifolia* (Mart.) Engl., *S. terebinthifolia* var. *selloana* Engler in Mart., e *S. terebinthifolia* var. *ternifolia* March. Parte utilizada: somente os frutos.

- *Schizolobium parahyba* (Vell.) S.F. Blake. Trata-se de uma árvore que ultrapassa os vinte metros de altura quando adulta. O emprego da mesma, na Umbanda Nagô, está restrito ao uso de suas sementes em guias (fios-de-contas) associadas, primordialmente, a linha de Pretos-velhos e Caboclos. Possui sinonímia com *Caesalpinia parahyba* (Vell.) Allemão, *Cassia parahyba* Vell., *Schizolobium amazonicum* Huber ex Ducke, *S. excelsum* Vogel, *S. glutinosum* Tul., e *S. kellermanii* Pittier. Além disto, são reconhecidas duas variedades, sendo, *S. parahyba* var. *amazonicum* (Huber ex Ducke) Barneby e *S. parahyba* var. *parahyba* (Vell.) S.F. Blake. Parte utilizada: somente as sementes.
- *Solanum lycopersicum* L. Conhecida genericamente como tomate, podendo receber denominações complementares em função da variedade ou da cultivar, como tomate-gaúcho, e.g. Possui *Lycopersicon esculentum* Mill. e *Solanum pomiferum* Cav. como sinonímias. Tem sua origem botânica no âmbito das Américas do Sul e Central, tendo sido, possivelmente, disperso pela cultura Inca. Seu uso no âmbito da ritualidade é essencialmente condimentar. Parte utilizada: somente o fruto.
- *Sida rhombifolia* L. A guanxuma possui inúmeras indicações de uso fitomedicinal, em consonância com a medicina popular, neste sentido, sendo utilizáveis todas as partes (folhas, sementes, raízes e flores). No âmbito ritualístico, é empregada para a confecção de uma pequena vassoura com o propósito de varrer o ambiente e, com isto, as cargas negativas (Babalorixá Ricardo de Ogum, com.pes.). De acordo com o Missouri Botanical Garden são combinações para esta basionímia as espécies: *Diadesma rhombifolia* (L.) Raf., *Malva rhombifolia* (L.) E.H.L. Krause e *Napaea rhombifolia* (L.) Moench. Possui outras treze espécies como sinonímias. A variedade tipo possui, ainda, como sinonímia, *S. rhombifolia* subsp. *insularis* (Hatus.) Hatus., e oito variedades. *Sida rhombifolia* Mast. é aceita como homonímia. Apresenta-se como espécie nativa no Rio Grande do Sul, com ocorrência na região metropolitana de Porto Alegre, conforme observações pessoais deste pesquisador.
- *Solanum tuberosum* L. A batata, família Solanaceae, é originária da Cordilheira dos Andes e ocupa o quarto lugar em quantidade de produção mundial de alimentos, sendo superada apenas pelo trigo, arroz e milho (LOPES; BUSO, 1997). O estudo de Gomes et al. (2008) registra seu uso com propósitos medicinais. É perceptível que a batata tenha substituído, no Brasil, o Inhame (*Colocasia esculenta* (L.) Schott, Araceae) (alimento litúrgico de Xangô) e muito apreciado, e.g., pelo grupo Banto. Possivelmente em função da melhor disponibilidade e menor custo desta em relação

aquele. É empregado em diversos trabalhos aos Orixás e em alimentações festivas. Parte utilizada: somente a raiz tuberosa.

- *Vernonia condensata* Baker. Foi, muito provavelmente, a espécie de maior dificuldade para identificação, visto que sua denominação popular (Orô) é de uso restrito às questões litúrgicas dos terreiros de Porto Alegre e arredores. Carrega consigo o mito de que, se ultrapassado o limite superior do telhado do imóvel em que se encontra, ocasionará a morte de seu proprietário. Por conta disto, não se encontraram exemplares adultos com floração, por exemplo. Segundo as principais bases de dados de informações botânicas, o nome aceito para o binômio *Vernonia condensata*, na verdade, é *Gymnanthemum amygdalinum* (Delile) Sch. Bip. ex Walp. No entanto, essa nomenclatura ainda não está totalmente consolidada na literatura, de modo que raríssimos artigos foram detectados utilizando tal sinonímia. Vários sinônimos botânicos foram detectados, um dos quais (*Vernonia amygdalina* Delile), inclusive, é mais empregado que o nome aceito. As sinonímias mais relevantes e que mais são empregadas de uma forma geral são *Vernonia amygdalina* Delile e *Vernonia condensata* Baker. Outros sinônimos encontrados foram: *Vernonanthura condensata* (Baker) H. Rob., *Vernonia bahiensis* Toledo e *Vernonia sylvestris* Glaz. Seu uso encontra-se associado essencialmente a prescrições terapêuticas, sendo particularmente vinculada como analgésico, colagogo, colerético, hepatoprotetor, digestivo, estimulante e tônico hepático. Parte utilizada: os registros obtidos sugerem o uso exclusivo das folhas.
- *Vigna unguiculata* (L.) Walp. O feijão-miúdo, ou feijão-caupi, conforme Andrade-Jr. et al. (2011), é uma excelente fonte de proteínas (23%-25% em média) e apresenta todos os aminoácidos essenciais, carboidratos (62%, em média), vitaminas e minerais, além de possuir grande quantidade de fibras dietéticas, baixa quantidade de gordura (teor de óleo de 2%, em média) e não conter colesterol. O estudo de Gomes et al. (2008) registra seu uso com propósitos medicinais. O centro primário de diversidade da espécie *V. unguiculata* (L.) Walp., segundo Steele & Mehra (1980) e Ng & Marechal (1985), situa-se no oeste da África, mais precisamente na Nigéria. De acordo com Padulosi e Ng (1997), a região de especiação encontra-se em Transvaal, na República da África do Sul. Segundo Freire-Filho (1988), o feijão-caupi foi introduzido na América Latina, no século XVI, pelos colonizadores espanhóis e portugueses, primeiramente nas colônias espanholas e em seguida no Brasil, provavelmente no estado da Bahia. A partir da Bahia, foi levado pelos colonizadores

para outras áreas da região Nordeste e para as outras regiões do país. Evidente, portanto, ser conhecido de muitos escravos que aportaram no Brasil e, facilmente aproveitável nos rituais afro. No Umbanda Nagô é empregado em alguns trabalhos aos Orixás, podendo ser empregado como um dos sete grãos em trabalhos associados à fartura. O Missouri Botanical Garden considera *Vigna unguiculata* (L.) Walp. como o nome válido, apontando *Vigna unguiculata* Bertoni como homonímia e, portanto, inválido. Possui, como sinonímias, *Dolichos biflorus* L., *D. catjang* L., *D. monachalis* Brot., *D. sesquipedalis* L., *D. sinensis* Forssk., *D. sinensis* L., *D. sphaerospermus* (L.) DC., *D. unguiculatus* L., *D. unguiculatus* Thunb., *Vigna catjang* (L.) Walp., *V. cylindrica* (L.) Skeels, *V. sesquipedalis* (L.) Fruwirth, *V. sinensis* (L.) Endl. ex Hassk., e *V. sinensis* (L.) Savi ex Hassk. Além disto, possui oito subespécies e dezesseis variedades catalogadas. Parte utilizada: somente os grãos (sementes).

- *Xylopia aromatica* (Lam.) Mart. Representa a mais famosa e, talvez, mais importante das pimentas empregadas na ritualística da Umbanda Nagô. Os frutos da *X. aromatica* são usados na medicina popular pelas suas propriedades carminativas, estimulantes e afrodisíacas (Corrêa, 1984). Igualmente são usados popularmente também como condimento, principalmente no tempero de carnes, e como substituto da pimenta do reino (*Piper nigrum* L.) por apresentarem odor semelhante, porém mais suave (MAIA et al., 2005; SILVA; ROCHA, 1981). Apresenta *Uvaria aromatica* Lam. como basionímia. Como sinonímias são referenciadas *Habzelia aromatica* (Lam.) A. DC., *Unona aromatica* (Lam.) Dunal, *U. xylopioides* Dunal, *Uvaria aromatica* Lam., *Xylopia grandiflora* A. St.-Hil., *X. longifolia* A. DC., *X. xylopioides* (Dunal) Standl., e *Xylopicrum aromaticum* (Lam.) Kuntze. Partes utilizadas: frutos e sementes moídas como condimento.
- *Zea mays* var. *everta* (Sturtev.) L.H. Bailey. O milho-de-pipoca não é utilizado *in natura* mas seu uso se faz na forma estourada em óleo, conhecida como pipoca. Seu uso convencional é de preparo com óleo de dendê, para uso em trabalhos diversos. Quando de uso em alimentação para Sessões de Pretos-velhos e Caboclos, por exemplo, será preparado com óleos convencionais (soja, ..., e girassol, e.g.) e receberá sal, ou alternativamente, poderá ser adoçado com calda de açúcar. Também é aceito como nome para esta variedade, *Zea mays* subsp. *mays* L. (OGTR, 2008) sendo considerados como sinonímias mútuas com validade; e possuindo *Zea everta* Sturtev. como sinonímia. Parte utilizada: somente os grãos (sementes).

- *Zea mays* var. *mays* L. / *Zea mays* subsp. *mays* L. Almeida et al. (2012), lhe conferem propriedades medicinais pela crença popular, através do uso do “cabelo” da espiga – conjunto do estilo-estigma (LORSCHETER et al., 2015). Apesar disto, no ritual objeto do presente estudo, o milho possui um amplo uso litúrgico, sendo empregado em alimentações mantidas no Pegi (doce e não adocicado), no Alujá (não adocicado) e no Ilê (não adocicado); neste sentido. Além disto, é empregado em trabalhos sacrificiais (doce e não adocicado) e outros envolvendo prosperidade, principalmente. Em alguns Templos Nagô, sob influência de outras bacias africanistas, é produzido e utilizado o “Akaça” que se constitui de uma pasta feita com milho branco, enrolado por folha de bananeira (alternativo). Na alimentação festiva surge com a presença das canjicas branca e amarela. O sabugo é utilizado em algumas guias (fios-de-contas), normalmente associadas a Pretos-velhos e/ou Caboclos. Não se consegue ter a compreensão de que ingrediente africano substituiu, visto que sua origem é a região andina, portanto, desconhecido dos escravos que aportaram em território brasileiro. É fato, porém, que os escravos auferiram um forte intercâmbio das folhas fundamentais para a permanência religiosa (BOTELHO, 2010), e também assimilaram através de uma visão empírica e secular a flora nacional, ampliando ainda mais seus conhecimentos com o mundo natural. O estudo de Gomes et al. (2008) registra seu uso com propósitos medicinais. *Zea mays* subsp. *mays* L. apresenta *Mays americana* Baumg., *M. zea* Gaertn., *Mayzea cerealis* Raf., *M. cerealis* var. *gigantia* Raf., *Zea alba* Mill., *Z. altissima* C.C. Gmel. ex Steud., *Z. americana* Mill., *Z. amyloacea* Sturtev., *Z. canina* S. Watson, *Z. cryptosperma* Bonaf., *Z. erythrolepis* Bonaf., *Z. everta* Sturtev., *Z. gigantea* (Bonaf.) Hort. ex Vilm., *Z. glumacea* Larrañaga, *Z. gracillima* (Körn. ex Hitchc.) Hort. ex Vilm., *Z. hirta* Bonaf., *Z. indentata* Sturtev., *Z. indurata* Sturtev., *Z. japonica* Van Houtte, *Z. japonica* var. *vittata* Hort. ex L.H. Bailey, *Z. macrosperma* Klotzsch, *Z. mais* Anonymous, *Z. mais* var. *hirta* (Bonaf.) Alef., *Z. maiz* Vell., *Z. mays* convar *ceratina* Kuelshov, *Z. mays* fo. *hanakibi* Makino, *Z. mays* fo. *variegata* (G. Nicholson) Beetle, *Z. mays* subsp. *amyloacea* (Sturtev.) Zhuk., *Z. mays* subsp. *ceratina* (Kuelshov) Zhuk., *Z. mays* subsp. *everta* (Sturtev.) Zhuk., *Z. mays* subsp. *indentata* (Sturtev.) Zhuk., *Z. mays* subsp. *indurata* (Sturtev.) Zhuk., *Z. mays* subsp. *sacharata* (Sturtev.) Zhuk., *Z. mays* subsp. *semidentata* Kuleshov, *Z. mays* subsp. *tunicata* Sturtev., *Z. mays* var. *everta* (Sturtev.) L.H. Bailey, *Z. mays* var. *gracillima* Körn. ex Hitchc., *Z. mays* var. *indentata* (Sturtev.) L.H. Bailey, *Z. mays* var. *indurata* (Sturtev.) L.H. Bailey, *Z.*

mays var. *japonica* (Van Houtte) Alph. Wood, *Z. mays* var. *multicoloramylacea* Yarchuk, *Z. mays* var. *oryzaea* Kuleshov, *Z. mays* var. *pennsylvanica* Bonaf., *Z. mays* var. *precox* Torr., *Z. mays* var. *rugosa* Bonaf., *Z. mays* var. *saccharata* (Sturtev.) L.H. Bailey, *Z. mays* var. *striatiamylacea* Leizeron, *Z. mays* var. *subnigroviolacea* Yarchuk, *Z. mays* var. *tunicata* Larrañaga ex A. St.-Hil., *Z. mays* var. *variegata* G. Nicholson, *Z. mays* var. *virginica* Bonaf., *Z. minima* (Körn. ex Hitchc.) Hort. ex Vilm., *Z. odontosperma* Ten., *Z. rostrata* Bonaf., *Z. saccharata* Sturtev., *Z. segetalis* Salisb., *Z. tunicata* (Larrañaga ex A. St.-Hil.) Sturtev., *Z. vittata* Hort. e Vilm., e *Z. vulgaris* Mill. como sinónimas. Partes utilizadas: grãos (sementes) e sabugo.

- *Zingiber officinale* Roscoe. O conhecido gengibre. *Amomum zingiber* L., *Curcuma longifolia* Wall., *Zingiber aromaticum* Noronha, *Z. majus* Rumph., *Z. missionis* Wall., *Z. sichuanense* Z.Y. Zhu, S.L. Zhang e S.X. Chen, e *Z. zingiber* (L.) H. Karst. são considerados como sinónimas. Possui uma distribuição muito significativa, incluindo a Ásia e a América Central. Almeida et al. (2012), relatam propriedades medicinais pela crença popular. É empregado, em alguns casos, como substitutivo de *Allium sativum* L. como condimento. Além disto, é empregado no preparo de uma bebida (por curtição), no ritual pesquisado, constituída essencialmente de cachaça, ingerida pelos Alabês quando com rouquidão após o canto dos pontos ritualísticos. Parte utilizada: somente o rizoma. Algumas situações de uso múltiplo são apresentadas através da Tabela 2.

Tabela 2. Usos combinados de múltiplas folhas.

Denominação	Definição e/ou peculiaridades
BANHO DE OGUM	Abluções rituais ou banhos purificatórios feitos com o líquido resultante da maceração de folhas frescas. Devem ser utilizadas, preferencialmente, sete ervas (plantas) diferentes, conforme indicação da entidade consultada ou do dirigente religioso (Babalorixá ou Yalorixá). Gomes et al. (2008), citam banhos de descarga.
DEFUMAÇÃO	Composta de folhas e cascas de múltiplas ervas associadas ao descarrego de energias negativas, usado ritualmente em fumigações na abertura dos trabalhos ritualísticos. Pode estar enriquecida com breu para favorecer à queima. Representa traço marcante da cultura ameríndia adaptada aos cultos africanos no Brasil (ALBUQUERQUE, 1995)
ORNAMENTAL	Esta categoria é destinada às plantas que são usadas na decoração da casa em dias de festa, celebrações, como também para a proteção da casa. As plantas são distribuídas em pontos estratégicos, no Peji, em portas e na entrada do templo (Ilê).

4 Discussão e conclusões

De acordo com o Silva (2009), a religiosidade afro-brasileira realiza uma ressignificação do que seria a natureza – ou seja, ainda que reverencie as forças da natureza, seus adeptos podem passar ao mesmo tempo, através da convivência cultural, a compartilhar da ideologia de que a natureza se constitua em uma união de objetos inanimados colocados à disposição dos homens (ou seja, realizando um sincretismo cultural com a cosmovisão ocidental moderna), refletindo essa concepção nas suas práticas cotidianas em relação aos rios e a água potável, às matas, às áreas verdes das cidades e à vida animal.

Para Meira (2013), em nossa cultura, há uma tendência muito grande em subestimar o conhecimento popular e supervalorizar o conhecimento da cultura ocidental. Vale ressaltar que o conhecimento erudito é apenas um aspecto do conhecimento. Cabe uma ressalva, pois muitos conhecimentos eruditos têm sua fundamentação no conhecimento tradicional oral, embora constantemente se negue essa afirmação.

Desta forma, torna-se inquestionável a importância que as plantas têm em todas as culturas e em todas as épocas. Quer seja para a alimentação, para a cura de doenças ou para rituais religiosos. Há momentos em

que as folhas estão presentes, como para servir comidas aos santos, prática geralmente feita para cumprir obrigações, também em algumas festas oferece-se comida em folhas às pessoas presentes. Mas, é fundamental considerar que a tradução de “Ewé” do Yorubá não pode se restringir exclusivamente ao significado literal de “folha”, mas sim a vegetal e, por conseguinte, ao uso de toda e qualquer parte deste.

Conforme Meira (2013),

existem folhas que têm valor simbólico, religioso apenas, usadas apenas para o benzimento, que pode ser feito tanto por uma entidade encarnada em um adepto ou pela própria pessoa. Enquanto outras ervas ou folhas são usadas no preparo de chás, garrafadas, xaropes etc., esses tipos de folhas têm valor mais medicinal, com seus resultados comprovados pelos usuários deste tipo de tratamento. É comum também encontrarmos plantas que exerçam as duas funções, religiosa e medicinal.

Como se pôde observar nos resultados obtidos, inúmeras plantas identificadas nas práticas nagô, apresentam tais conotações.

Para a Umbanda Nagô, o orixá Ossain (Òsónynìn em yorubá) não integra o seu panteão principal – constituído pelos sete orixás maiores: Oxalá, Yemanjá, Oxóssi, Ogum, Oxum, Xangô e Yansã. Assim, apesar da ampla aceitação nos rituais de matriz africana, de que as folhas

sejam pertencentes a Ossain, a Umbanda Nagô, em particular, faz uso das mesmas sem que, entretanto, as consagre a este Orixá. Com isto, conflita-se a posição estabelecida por Verger (2002), segundo o qual o orixá Ossaim possui lugar privilegiado nas casas de matrizes religiosas dos orixás no Brasil.

No âmbito desta bacia religiosa, não são adotados nomes específicos em Yorubá para os vegetais (exceção realizada ao vegetal conhecido como Orô), diferentemente, por conseguinte, do que se observa em matrizes africanistas como o Candomblé ou o Xangô de Pernambuco.

Assim, muitas das plantas usadas nos candomblés em solo brasileiro são também usadas na África, ou seja, há uma grande quantidade de folhas idênticas nos dois lados do Atlântico (LUHNING, 2006; BOTELHO, 2010); idênticas no que se refere à sua classificação científica e, além disso, trazem o mesmo nome yorubá. Ou seja, segundo a autora, existem classificações diferentes, porém, compatíveis para a mesma planta, situação, conforme observado e já comentado, que não se reproduz na bacia nagô em que não se adota tal sistema classificatório ou nomenclatural.

Conforme Serra (s/d), no sistema etnobotânico dos terreiros os vegetais são caracterizados segundo os efeitos que produzem quando utilizados na condição

de símbolos e fármacos; porém, este mesmo autor afirma que, a etnobotânica nagô proporciona uma espécie de “modelo ideal” que distribui de forma ordenada, simétrica, os elementos do universo das plantas. Porém, este ritual cruzado (Umbanda Nagô) em nada se assemelha aos rituais praticados no restante do país (Candomblé Nagô).

Apesar das vastas extensões de florestas nativas ocorrentes no território brasileiro, a grande maioria das espécies vegetais encontradas aqui eram desconhecidas dos escravos, aprendizado que ocorreu a partir das interações com os ameríndios e os caboclos. Assim, este foi um dos grandes desafios vividos pelos africanos, porque encontrar as espécies vegetais era primordial para a construção da sua cosmologia e a manutenção de sua identidade enquanto africano. Por isso, muitos vegetais nativos brasileiros foram incorporados em substituição aos africanos, para algumas espécies não havia similares, surgiu então a necessidade do intercâmbio entre os dois continentes.

Vários espécimes foram transportados pelos navios negreiros que traziam cargas clandestinas, muitas de interesse dos portugueses que introduziam no Brasil espécies nativas africanas ou originárias da Ásia, há muito aclimatadas na África. [...] A introdução de algumas plantas no novo mundo, bem como as nativas, tinha para o

colonizador um sentido econômico, pois barateava o custo com a manutenção dos escravos e os mantinham alimentados para enfrentar os árduos trabalhos braçais que lhes eram impostos (BARROS, 2003).

Segundo Luhning (2006), é provável que mais tarde, após a fase de reconhecimento e identificação das plantas brasileiras pelos escravos aqui transplantados, tenha começado um movimento de intercâmbio entre Brasil e África no que se refere à troca de informações sobre as plantas comuns por aqui e as nativas daquele continente (Botelho, 2010). Esse intercâmbio teria sido feito por escravos libertos e os não libertos que mantiveram significativos contatos com a terra mãe, no caso a África. Esse contato se deu também no que se refere à busca de notícias de parentes e seu bem-estar. Este contato pode ter ocorrido através de escravos marinheiros que são mencionados em diversos documentos (VERGER, 1987) ou por meio de escravos libertos que voltaram à África. Conjuntamente com processo de troca, várias sementes e até mudas de plantas devem ter ido e vindo de um continente para outro.

Os escravos auferiram com esse intercâmbio as folhas fundamentais para a permanência religiosa, e também assimilaram através de uma visão

empírica e secular a flora nacional (BOTELHO, 2010), ampliando ainda mais seus conhecimentos com mundo natural, justificando com isto a presença nos rituais africanistas de inúmeras espécies desconhecidas em território africano, como o milho e a batata por exemplo.

Assim, os resultados desta pesquisa permitem reafirmar a importância do uso das plantas medicinais da cultura afro-brasileira particularmente dentro de um contexto ritualístico.

Referências

- ALBUQUERQUE, U. P. Formas de uso de espécies vegetais dos cultos Afro-brasileiros em Recife-PE, **Biológica Brasileira**, v.6, n.1/2, p.111-120. 1995.
- ALBUQUERQUE, U. P. **O Dono do Segredo: O uso de plantas nos cultos afro-brasileiros**. Recife: NUPPEA, UFRPE. 2007. 72p.
- ALCORN, J. B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: SCHULTES, R.E.; REIS, S.V. (eds.). **Ethnobotany: evolution of a discipline**. Cambridge, Timber Press. 1995, p. 23-39.
- ALLEM, A. C. The origin of *Manihot esculenta* Crantz (Euphorbiaceae). **Genetic Resource and Crop Evolution**, v.41, p.133-150. 1994.
- ALMEIDA, G. S.; BARBOSA, A. S.; SANTANA, M. de. Conhecimento e uso de plantas medicinais da cultura afro-brasileira pelos moradores da comunidade da Fazenda Velha no município de Jequié-Ba. **Veredas da História**, [online], n.5, v.2, p.27-39. 2012.
- ANDRADE-JR., A. S. de; SANTOS, A. A. dos; ATHAYDE-SOBRINHO, C.; BASTOS, E. A.; MELO, F. de B.; VIANA, F. M. P.; FREIRE-FILHO, F. R.; CARNEIRO, J. da S.; ROCHA, M. de M.; CARDOSO, M. J.; SILVA, P. H. S. da; RIBEIRO, V. Q. **Cultivo do Feijão-caupi (*Vigna unguiculata* (L.) Walp)**. Sistemas de Produção 2. Teresina: Embrapa. 2011. 110p. Disponível in <<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/66591/1/sistemaproducao2.PDF>>. Acesso em 17 set. 2015.
- ANDRADE, L. C.; ALBUQUERQUE, U. P. **As plantas na medicina e na magia dos cultos afro-brasileiros. Tópicos em conservação, etnobotânica e etnofarmacologia de plantas medicinais e mágicas**. Recife: NUPPEA. 2005.
- AQUINO, R. S. L. **História das sociedades americanas**. Rio de Janeiro: Record. 2010. 770p.
- BARBIERI, R. L.; HEIDEN, G.; CORRÊA, L. B.; NEITZKE, R. S.; OLIVEIRA, C. S.; BÜTTOW, M. V. Cultivo e usos tradicionais de *Cucurbita argyrosperma* e *Cucurbita ficifolia* no Rio Grande do Sul. In: 47º CONGRESSO BRASILEIRO DE OLERICULTURA, 2007, Porto Seguro, Ba. **Anais do ...** Porto Seguro: Horticultura Brasileira, 2007, v. 25, n. 1.
- BASTIDE, R. **O Candomblé da Bahia: Rito Nagô**. São Paulo, Ed Nacional. 1978. 298p.
- BONETTI, L. P. Distribuição da soja no mundo. In: MIYASAKA, S.; MEDINA, J.C. (Ed.). **A soja no Brasil**. Campinas: ITAL, 1981. cap.1, Item 1, p.1-6.
- BLOSSFELD, H. **Jardinagem**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1963. 123p.
- BOTELHO, P. F. O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição afro-brasileira. In: VI ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2010, Salvador, Ba. **Anais do ...** Salvador: Facom-UFBa, 2010, disponível in <<http://www.cult.ufba.br/wordpress/24807.pdf>>. Acesso em 16 dez. 2015.
- CAMARGO, M. T. L. de A. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros I**. São Paulo: Ed. Almed, 1988.
- CORRÊA, M. P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, v.5, 1984. 478p.
- COTIAS-DE-OLIVEIRA, A. L. P.; ASSIS, J. G. A. de; BELLINTANI, M. C.; ANDRADE, J. C. S.; GUEDES, M. L. S. Chromosome numbers in Bromeliaceae. **Genetics and Molecular Biology**, v. 23, n. 1, p. 173-177, 2000.
- CRESTANI, M.; BARBIERI, R. L.; HAWERROTH, F. J.; CARVALHO, F. I. F. de; OLIVEIRA, A. C. de. Das Américas para o Mundo - origem, domesticação e dispersão do abacaxizeiro. **Ciência Rural**, v.40, n.6, p.1473-1483. 2010.
- FORD, R. I.; BROWN, M. **The nature and status of ethnobotany**. Annals of Arnold Arboretum. Michigan: Museum of Anthropology, University of Michigan.

- Anthropological Papers Ser.: 67. 1978. 428p.
- FREIRE-FILHO, F. R.; LIMA, J. A. de A.; RIBEIRO, V. Q. **Feijão caupi: avanços tecnológicos**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica. 2005. 519p.
- GIACOMETTI, D. C.; FERREIRA, F. R. Organização e uso de bancos germoplasma de frutíferas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA, 9, 1987, Campinas, SP. **Anais do ...** Campinas: SBF, 1987, v.1, p.11-17.
- GOMES, H. H. S.; DANTAS, I. C.; CATÃO, M. H. C. de V. Plantas medicinais: sua utilização nos terreiros de umbanda e candomblé na zona leste de cidade de Campina Grande-PB. **BioFar – Revista de Biologia e Farmácia**, v. 3, n. 1, p. 110-129, 2008.
- GOMES, P. R. **Fruticultura Brasileira**. 8. ed. São Paulo: Nobel, 1982.
- KREYYDIEH, S. I.; USTA, J.; KAOUK, I.; AL-SADI, R. The mechanism underlying the laxative properties of Parsley extract. **Phytomedicine**, v. 8, n. 5, p. 382-388, 2001.
- LOPES, C. A.; BUSO, J. A. **Cultivo da batata (*Solanum tuberosum* L.)**. Embrapa Hortaliças. Brasília: Embrapa Hortaliças, 1997. 36p. (Instruções técnicas n.8).
- LORENZI, H. MATOS, F. J. de A. **Plantas Mediciniais no Brasil: Nativas e Exóticas**. Nova Odessa: Inst. Plantarum. 2002. 544p.
- LORENZI, H.; SANTOS, H. M. de. **Plantas Ornamentais no Brasil: Arbustivas, Herbáceas e Trepadeiras**. Nova Odessa: Inst. Plantarum. 2008. 1.120p.
- LORENZI, H.; SOUZA, H. M. **Plantas ornamentais do Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. 3ed. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2001.
- LORENZI, J. O. Variação na qualidade culinária das raízes de mandioca. **Bragantia**, v. 53, n. 2, p. 237-245. 1994.
- LORSCHTEITER, A.; NONNENMACHER, C. M.; PANISSON, D.; LEITE, D.; LUSA, F.; DALSSASSO, T. C.; SLAVIERO, A.; STAKONSKI, C. A.; URIO, E. A.; SCOLARI, L. G. Morfologia e histologia do milho (*Zea mays*). In: V MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2015, Caxias do Sul, RS. **Anais do ...** Caxias do Sul: Faculdades IDEAU, 2015, disponível in <http://mostra.ideau.com.br/2015/mostra_ideau_2015_anais/2015/artigos/2015025013.pdf>. Acesso em 16 dez. 2015.
- LÜHNING, Â. Ewé: as plantas brasileiras e seus parentes africanos. In: CAROSO, Carlos; BACELAR, Jeferson (Orgs.). **Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Salvador, BA: CEAO, 2006.
- MAIA, J. G. S.; ANDRADE, E. H. A.; SILVA, A. C.; OLIVEIRA, J.; CARREIRA, L. M. M.; ARAÚJO, J. S. Leaf volatile oils from four Brazilian *Xylopia* species. **Flav. Frag. J.**, v.20, p.474-747, 2005.
- MARTINS, E. R.; CASTRO, D. M. de; CASTELLANI, D. C.; DIAS, J. E. **Plantas Mediciniais**. Viçosa: Editora UFV. 2003. 220p.
- MEIRA, C. S. **PLANTAS DO AXÉ E SUA FUNDAMENTAÇÃO RELIGIOSA: um estudo de caso no terreiro de Umbanda “Caboclo Boiadeiro” (fazenda Buraco do Boi – Poções / Bahia)**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências Ambientais), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 130p. 2013.
- MESSIAS, M. C. T. B.; MENEGATTO, M. F.; PRADO, A. C. C.; SANTOS, B. R.; GUIMARÃES, M. F. M. Uso popular de plantas medicinais e perfil socioeconômico dos usuários: um estudo em área urbana em Ouro Preto, MG, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, v.17, n.1, p.76-104, 2015
- NG, N. Q.; MARÉCHAL, R. Cowpea taxonomy, origin and germ plasm. In: SINGH, S. R.; RACHIE, K. O. (Orgs.)

Cowpea research, production and utilization. Chichester: John Wiley. 1985. p. 11-21.

OGTR – Office of the Gene Technology Regulator. **The Biology of *Zea mays* L. ssp *mays* (maize of corn).** 2008. Disponível in <[http://www.ogtr.gov.au/internet/ogtr/publishing.nsf/content/maize-3/\\$FILE/biologymaize08_2.pdf](http://www.ogtr.gov.au/internet/ogtr/publishing.nsf/content/maize-3/$FILE/biologymaize08_2.pdf)>. Acesso em 16 dez. 2015.

OLIVEIRA, A. F. de; PASQUAL, M.; CHALFUN, N. N. J.; REGINA, M. de A.; RINCÓN, Ca. D. R. Influência do número de nós em estacas semilenhosas de oliveira (*Olea europaea* L.) no enraizamento sob câmara de nebulização. **Ciênc. Agrotec.**, v.27, n.2, p.332-338. 2003.

OLIVEIRA, F. C. de; ALBUQUERQUE, U. P. de; FONSECA-KRUEL, V. S. da; HANAZAKI, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta bot. bras.**, v. 23, n. 2, p. 590-605, 2009.

OLSEN, K. M.; SHALL, B. A. Microsatellite variation in cassava (*Manihot esculenta*, Euphorbiaceae) and wild relatives: further evidence for a southern Amazonian origin and domestication. **American Journal of Botany**, v. 88, p.131-142. 2000.

PADULOSI, S.; Ng, N.Q. Origin taxonomy and morphology of *Vigna unguiculata* (L.) Walp. In: SINGH, B.B.; MOHAN, R.; DASHIELL, K.E.; JACKAI, L.E.N. (Ed.). **Advances in Cowpea Research.** Tsukuba: IITA/JIRCAS. 1997. p. 1-12.

PEREIRA, A. S.; LORENZI, J. O.; VALLE, T. L. Avaliação do tempo de cozimento e padrão de massa cozida em mandioca de mesa. **Revista Brasileira de Mandioca**, v. 4, n. 1, p. 27-32. 1985.

PONTES, A. N. de L.; CARNEIRO, D. da S.; OLIVEIRA-JÚNIOR, N. B. de; SILVA, P. M. da; AGUIAR, V. R. de. Revisão bibliográfica sobre o palmito juçara (*Euterpe edulis*). **Revista Gestão em Foco**, Disponível in <http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/>

gestao_foco/artigos/ano2012/palmito_juca ra.pdf>. 2012. Acesso em 22 dez. 2015.

RIBEIRO, P. H. M. Comida e religiosidade: dos cultos afro-brasileiros para a história da alimentação brasileira. In: XVII SEMANA DE HUMANIDADES, 2009, Natal, RN. **Anais do ...** Natal: UFRN, 2009, 6p. Disponível in <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT23/23.1.pdf>>. Acesso em 16 set. 2015.

SALGADO, M. G. F. Interações entre as plantas, o conhecimento e as crenças de uma comunidade afro-descendente. In: X CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 2011, São Lourenço, MG. **Anais do ...** São Lourenço: Sociedade de Ecologia do Brasil, 2011, disponível in <<http://www.seb-ecologia.org.br/xceb/resumos/1904.pdf>>. Acesso em 16 dez. 2015.

SANJUR, O. I.; PIPERNO, D. R.; ANDRES, T. C.; WESSEL-BEAVER, La. Phylogenetic relationships among domesticated and wild species of *Cucurbita* (Cucurbitaceae) inferred from a mitochondrial gene: implications for crop plant evolution and areas of origin. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, n. 99, v. 1, p. 535-540, 2002.

SANTOS, D. B. dos; PETRY, C.; BORTOLUZZI, E. C.; Composição centesimal e perfil dos ácidos graxos de sementes de porongo. **Ciência Rural**, v.44, n.1, p.31-36, 2014.

SERRA, O. J. T. **O Mundo das Folhas: Nota.** S/d. 17p. Disponível in <<https://ordeperra.files.wordpress.com/2008/07/nota-sobre-o-mundo-das-folhas1.pdf>>. Acesso em 28 jun. 2015.

SILVA, J. B.; ROCHA, A. B. Oleorresina do fruto de *Xylopia aromatica* (Lamarck) Martius. **Rev. Ciênc. Farm.**, v.3, p.33-40, 1981.

SILVA, J. P. da. Práticas Religiosas e Consciência Ecológica nas Religiões Afro-pessoenses. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n.14, p.174-190, 2009

- SILVA, O. J. da. **Ervas: Raízes Africanas**. Rio de Janeiro, Rabaço Editora e Impressora Ltda. 1988.
- STEELE, W. M.; MEHRA, K. L. Structure, evolution and adaptation to farming system and inveronment in *Vigna*. In: SUMMERFIELD, D. R.; BUNTING, A. H. (Ed.). **Adva. in Leg. Sci.** England: Royal Botanic Gardens. 1980. p. 459-468.
- TABORA-JR., P. C.; BALICK, M. L.; BOVI, M. L. A.; GUERRA, M. P. Herat of palm (*Bactris*, *Euterpe* and orthers). In: WILLIAMS, J. T. **Pulse and Vegetable**. London: Champman and Hall, 1993. p.193-218.
- VALLE, T. L. **Mandioca de mesa, macaxeira ou aipim: a hortaliça negligenciada no Brasil**. Disponível in <http://www.abhorticultura.com.br/evento/sx/trabalhos/ev_1/PAL23.pdf>. S/d. 11p. Acesso em 17 dez. 2015.
- VERGER, P. F. **Orixás deuses Iorubás na África e no novo mundo**. Trad. Maria Aparecida da Nóbrega. 6ª. Ed. Salvador: Corrupio, 2002.
- VERGER, P. F. **Ewé: o uso das plantas na sociedade iorubá**. 4a. impressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- YURI, J. E. **Produção, nutrição e conservação pós-colheita da alface tipo americana, cv. Raider, no verão e no inverno, em função da aplicação de nitrogênio e potássio em cobertura**. Tese de Doutorado (Doutorado em Agronomia), Universidade Federal de Lavras, 111p. 2004.
- ZOHARY, D. Centers of diversity and centers of origin. In: FRANKEL, O. H.; BENNETT, E. **Genetic resources in plants**. Oxford: Instituto de Biologia, 1970. P.33-42.